

sopa de pedra

07.06.18. Primeiro dia. Grupo de Estudos. Sesc Consolação. Fico olhando o basquete e quando chego somos vários. Na parede a pergunta: como eu entro no espaço que é preto e tem pessoas rolando entre meu corpo e o chão, entre a roupa e a pele, entre as células do globo ocular da minha mão por onde a tua entra sideral? Vejo a maranha de corpos horizontais, se mexendo como o ar da respiração. Adentro a maré e deito no chão já cheio de coisas vivas. Entramos no espaço ou é o espaço que entra em nós? Breu. Semibreu. Alguns focos aqui, ali. Sóis dourados despontam no canto dos olhos. Meu. Semimeu. Um braço, algumas pernas, cabeças, meu braço, ao longo, tão perto, desperto, bem perto, dos cílios-pelos-penugens iluminados quase dentro, quase. A porta se abre, vejo um corpo de pé que segura uma das alças da mochila. Imagino homem. Imagino jovem. Imagino pouco, logo se vai. Tento chegar antes de ele dar as costas, não consigo, é mais rápido, vira as costas, se vai,

fico estática, levemente frustrada. E então volto para ser preenchida de novos líquidos e transitar arredondada. Dizer sim é o que é. Dizer é o que é. Lembro da farinha e penso quão mais disposto é o corpo de hoje. Rolar é o botão que liga o dançar junto. Vou aceitando o chão, fico menos tensa com desconhecidos e cada vez que a porta se abre um nó desata, agradeço pela dança que salva uns dias mais e outros tanto. Sei que o encontro virá quando Mari de fato me expande pelos dedos dos pés. Vamos embolando devagar, sorrio se me olham nos olhos, gosto de abraçar mãos e pés e são tantos que me perco, chega a ser engraçado, tantos pés e mãos avoantes. A mão lateja, enraízo, desperto outros olhos, outra respiração, outro toque, outro contato, outra maciez, outra quentura, outra impressão digital, outra descoberta, outra permissão, outra energia, outro conforto, me deixo levar, a pele é rasa e é profunda. E de uma luva muito macia os dedos se libertam. Não sei bem como, nenhuma lógica cabe

a este momento. Sinto-me sozinha na tentativa de resgatar algo que escapa. Não há abandono dentro do meu repertório e já é quase inverno em cima deste plástico de pernas apertadas. Só sei daquilo que descubro com a palma das mãos quando pousam delicadamente sobre o útero. Silêncio, sons, esse esfregar, esse ruído, essa água que escorre pelos canos do teto, urina, fezes, misturadas, deslizam pelos canos, pelas laterais, tão perto, quase dentro, fluidos, fluxos, todas e todos, pulsamos, respiramos, sorrimos, piscamos, as pálpebras cerram para umedecer a sensação de que esmaguei meus olhos molhados com as mãos, o olho direito jorra miopia de quatro graus e meio. Frio. Frio. Frio. Vou. Não vou. Vou. Não vou. Fico. Ficam. Ficamos. De repente a voz, as vozes, tão doces, tão calmas, tão perto, dentro. Os olhos deixam os olhos. Vão escorrendo corpo abaixo. Até parar nas mãos. Por que obedeço? Eu quero. A voz dele. A voz dela. Ah, a voz dela.

5 Entra macia no buraco do ouvido, aliás,

nos buracos todos, macia como carne tenra, pêssego, algodão, é fácil confiar, tão dentro que é minha essa voz que pede para que uma de minhas mãos continue no lugar mais confortável enquanto a outra desliza para fora. A mão que fica pousa em meu pescoço e logo a temperatura sobe, tremores surgem. Deitado no chão, minha mente transforma, de novo, a minha mão nas tuas. Sim, passamos de uma coisa à outra, assim, não há transição, não há membrana, não há espaço entre, não há divisão. Piscar os olhos é uma ilusão. Agora sim, agora não. Afundo em mim mesma no que toca o chão frio, duro, triste. A solidão do outro me desperta, quente o peso do toque me arrasta, depois aperta e então conforta. Às cegas afundo de novo, vago, sons ao longe, já não estou em mim, o corpo pesa, gruda, some e aparece em São Paulo, dias cheios, sem domingo, talvez nem tenha entendido que começa hoje essa nova escuta, essa nova decantação, precisa e animada ao mesmo tempo. Me dizem para começar a escrever.

Escrita automática. Escrevo. Hoje tive frio, não na rua, mas aqui dentro. Esqueceram de avisar que os textos serão compartilhados. A partir de agora, tenham em mente que o que vocês estão escrevendo será compartilhado. Rimos. De vergonha. E isso me inibe. O que escreveria se soubesse que ninguém iria ler isto?

Um dia um rei de pouca estatura e de coroa dourada, sólida e brilhante – muito chamativa mesmo –, me disse que ficasse à vontade. Então pus os dois pés em dois dedos d'água e bebi pelas ranhuras dos meus tornozelos – que chupavam com gosto. Enquanto isso eu olhava a ametista na coroa do rei. Se ele dizia algo, não lhe dava atenção, pensava como gostaria de ver algo roxo e translúcido, algo que pudesse penetrar e desdobrar em muitas distâncias, algo que não quisesse me receber exatamente, mas que por capricho talvez se recusasse a dizer Adeus. A ametista de sua coroa, ainda lembro, era opaca. Penso com prazeroso amargor naquela pedra ordinária – e agora segue que já não possa ser eu. Há grandes planícies

*compactadas e dobradas nas bacias das coisas,
há águas que fazem som de latão quando batemos
nelas e há prefácios com histórias desnecessárias.*

Ou.

*Cantil quase vazio bate no fundo da cabeça escorre
olho estourado canto da boca doce. Gengiva buraco
cheio de corredor limpo. Comprador constante
conferível. Muco escuro. Caneta preta (já que)
risca papel, me colocam no centro do gramado,
me esqueço do dia em que reguei o manjericão.
Celulazinha assovia alecrim dourado. Um carro,
dois carros, quatro carros. Dobro a esquina, chove
na casa do Antônio. Meu pai pega pão. Cantil
quase vazio. Fico cavando preocupação, cuidado
para não desequilibrar, o rosto cai, mangue. Verde
rosa, combinação preferida do carnaval. O tampo
da pia está estragado, assim o inox não vai segurar
nada. Nota de gabinete muito baixo. Cheiro de saco
plástico (sem chorume). Chorume gruda no chão e
fica preto: igual cola de rótulo em garrafa de vidro.
Água quente banho de maria.*

Volto ao frio, principalmente nas mãos quando ficamos deitados de barriga para cima. Mas é anônimo, Mari nos lembra. Os textos serão compartilhados, mas não identificados, ninguém vai precisar ler em voz alta o que escreveu. Deveria me sentir mais confortável para escrever o que quero, mas sempre há pudores, inclusive no anonimato. Me lembro dos meus anos de IUNA, do frio que também senti naquelas salas e naqueles chãos. Frios parecidos a este e ainda assim tudo é tão diferente.



Esquecemos os bichos de nossas tradições, mas os sons que eles faziam persistem ecoando no chão à nossa volta. Suas pegadas úmidas ressoam. Eles andavam no escuro. Noite é a que é escura. Eles andavam com suas cabeças argola, suas cabeças antena. Diz-se que não sentiam frio. Diz-se que caminhavam nos entres, sabendo apenas não estar em lugar algum. Talvez por isso os esqueceram nossa gente. Diz-se que eram grandes e não emitiam som algum. E assim como foram esquecidos, eu também vou esquecer

Nota de cabeça de página: há dois grandes mundos opostos aqui hoje. Por um lado, entrega, conexão e pesquisa, sem pudores. Por outro, desconforto e invasão. Não achava que alguém fosse supor tão facilmente meu consentimento, muito menos no que existe *entre*. Pois supõe. Arranha meu rosto com sua barba em tempo e intensidade que não quero, me joga sem deixar eu jogar, áspero corpo masculino. Toneladas sem escuta produzem estado de alerta, olhos abertos, sentido de resistência à imposição de um movimento não compartilhado. Com o passar do tempo fujo, porque posso, corro para os altos dos corpos que conheço, cujas peles se me abrem, as quais ainda sem querer eu quero porque há nelas licença de ouvir. É bom autonomia, mas é suspeito quando a única direção é tudo só para eu consumir. Diferente de descobrirmos juntos. Então, sugestão, supere a si mesmo, por favor, não se satisfaça conosco, comigo, você não é a razão última de estarmos aqui.

14.06.18. Segundo dia, chego com os olhos fechados. O que existe entre? Entre o quê? Entre o que há fora e o que há dentro desses corpos com os quais o exercício é conviver e cujo anonimato não sinto necessidade de desfazer, pois nele o corpo literal se vai, não há nomes, fazem parte de mim, mas não me pertencem. Não fiquem inseguros com o que escrever, vocês sabem o que estão fazendo. É o segundo dia de Grupo de Estudos. Aos poucos me arrasto para perto das pessoas, uma respiração lenta me puxa ao encontro, me tocam. Não sei se quero, não sei se fluo. Hoje as vozes nos dizem coisas diferentes, a cada semana outras formas de viver e respirar. Sigo tentando acompanhar o ritmo. Um rosto feliz e sorridente me encontra um começo, o sorriso me toma, na verdade uma risada monstro. Sérgio Malandro esfregando os dedos. É sério? Todos muito sérios acreditam, que o gesso pode unir e também isolar. Movimento empático é sentir o movimento do outro enquanto a voz feminina molda a mão na perna de outra

peessoa e vai dançar até encontrar outras pessoas que moldaram dedões do pé. Filipe então me pega de cabeça a cabeça, espera, surge a possibilidade de escolher. Neste momento, Filipe e Luara moldam em gesso único um gesto duplo. Os demais assistem. Há luz, há o estado deles e a delicadeza das mãos que moldam um ao outro. Enquanto isso, Erika manipula tudo o que vê. Alguém desenha sem olhar para o papel. Acho que inspirar pelos ouvidos conectados ao nariz, de olhos fechados, ajudou os poros do couro cabeludo a ir sem medo nem dó até o canto onde não havia solidão, onde todas as paredes me guiavam, todas as paredes me abraçavam, visíveis e invisíveis paredes de pele de pelos onde o sono é mais tranquilo e se há fuligem nos dedos dos pés é porque a cidade é assim mesmo, nos toca em cima e por dentro, carapacinha mole. Assim que Mari e Luara param de dançar, a voz masculina que moldava sua perna tibia dobrada até o joelho começa a dançar. Renato começa, parece coreografado.

O gesto inacabado frisado no tempo.
Friccionado pela imanência de seguir.
Ele tem a perna dobrada e gesso na parte frontal. A dança tem tudo a ver com o contexto. Todos paramos para olhar como se fosse uma performance. Até as pessoas que escreviam pararam. Persistência, a palavra range no princípio da articulação, ele dança a perna, não digo imobilizada, aquele gesso realmente o afeta. O som avisa que alguma coisa vai cair. Uma transformação está prestes a acontecer. Cai o gesso. Cai tudo. O som. Silêncio. É tão bom. De onde será que a conheço? Uma guitarra. Uma montanha. Fios de eletricidade. Joelhos. Tornozelos. Dedos. Muitos dedos. Um corpo rola para a lateral direita, outro atravessa a sala, anuncia um acontecimento, sorri com os olhos e a boca. De onde será que a conheço? Outro corpo tenta se encaixar no gesso alheio, não é a primeira vez, que uma selva de sentimentos quer pular de um precipício muito alto. O que existe entre o umbigo e a lombar? Entre o maxilar e

as clavículas? Mais mar? Mais ventania?
Pontos cegos? Monstros? Eu te conheço?
Roubei seu coração? Ela não vai mais voltar?
Neste lugar escuro escura é a noite, ela é
ele – não vai mais voltar – e o som do meu
pum é prolixo. Quem soltou o trombone?
Fico pensando – na verdade não, gostaria
de pensar, nas cascas das coisas, nos vãos
das coisas que são mais de uma ao mesmo
tempo, que têm frente e verso no verso.
Movimento. Voz. Música. Bacia. Gesso.
Mãos. Braços. Vaselina. Dança com gesso.
Outras pessoas. Mais gesso. Calcanhar.
Dedo da mão. Pé com pé e perna. Mão
sem dedo. Ombro. Pé, perna e joelho.
Dança. Um dedo pelo espaço. Uma mão
pelo espaço com folha de papel. Dança. Um
dedão do pé. Dançam. Dedos, mãos. Tudo
frenético. Tudo para. Dança. Perna e joelho.
Todos olhando. Perna cai. Tudo volta a
rodar. Náusea. Um grande enjoo. Quanto
mais sonhamos mais difícil encontrar uma
saída. Minha curiosidade me faz ler o
que escreveram antes e me identifico.

Qual a graça do jogo? A primeira pessoa é sufocante. Tolos ou vãos aqueles que pararam de se questionar o que estamos fazendo aqui. Qual a sua direção? Justifique sua resposta.

21.06.18. Solstício de inverno com muito sol. Hoje o passado me abriu as portas de uma sala escura tornada viva pelo movimento das sombras ainda desconhecidas. Fui tele transportada para um lugar entre o saber e o não saber. E agora, o que me leva a dançar? É possível resgatar a potência daquilo que foi encoberto pelas circunstâncias? Não me deixem esquecer o que fui. O passado vive em mim. Em cada gesto, percebido ou não.

Papel e caneta. Escrita livre ao longo do caminho até encontrar uma coisa. Sugestão: deixar-se fisgar pela coisa. Talvez a coisa que mais lhe desafie. Talvez sentar e esperar até que algo ou alguém lhe indique a coisa. Uma vez encontrada, investigar a coisa generosamente. O que é? De onde vem? Como conhecê-la? O que a coisa faz com você? Sugestão: tapar os ouvidos e perceber a coisa. Como você vai se tornando a coisa? Como a coisa se torna você? É possível fazer da coisa um corpo e com esse corpo uma dança e por volta das 20h30 trazer a dança da coisa para a sala?

Nem desci as escadas e já me olhava. Parede branca com ranhura. Um descascado de várias camadas, sujas e desgastadas, abre espaço para o ar entrar e tocar o cimento até então revestido de tinta branca. Qual a beleza da imperfeição? Qual a força de uma rachadura? Descasca-se a coisa e estou novamente nua. Olho ao redor. Som de máquinas nos prédios à direita. Luz forte nos olhos. Me sento no degrau em frente à sala. Fico analisando, buscando alguma empatia. Aproveito para esperar. Só quero que o tempo passe. Só quero que o tempo pare. Observo as portas. Meu olhar se dirige para as frestas da janela. Tudo que brilha vê. Me levanto para ir fazer xixi. Erika ainda está sentada no degrau. Deve ter encontrado sua coisa, reciclável, não reciclável. Em caso de incêndio pressione e solte. Observo uma caixa de eletricidade, imagino seus fios e ligações. Vejo a câmera de vigilância, uma moça passa a comer. Um homem que trabalha no Sesc pergunta a Erika se ela está fazendo algum tipo de levantamento.

É hora de a gente conversar sobre as coisas. São tempos difíceis e por mais que a gente esprema não sai nada. Tudo seco. Todo mundo com asma e meus olhos a querer fechar. Queria estar com o sono em dia, queria dormir, me encolher, sozinha no escuro da sala, transbordar de amor por Sofia, cuidar das minhas dores. Hoje estou mais para dentro e para os cantos. Subo até o último andar. Cabeça gira afundando no chão. A coisa desliza em passos gosmentos até subir e desembocar nesse som de Sesc todo misturado, de quadra, elevador, ar-condicionado, lanchonete, o eco que vem das escadas. Como se divide o que não se conhece? Onde fica a fronteira? Quando deixa de ser familiar? Vou em busca da coisa. Talvez eu nunca a encontre. Talvez essa coisa precise ser manipulada. Ter seu lacre rompido, sua mangueira empunhada e sua válvula acionada. Vou ter que sonhar com a coisa. Vou roubá-la e sair correndo. Mas nada dela. A coisa me escapa. O cheiro dele não. Me sento na sala de leitura.

E se alguém escolher o elevador como coisa e resolver ficar dentro dele esse tempo todo? Tenho muita fome, mas não tenho dinheiro comigo e a sala está trancada. Mudou o senhor do elevador. Quarto andar. Uma criança cujo olhar é de uma tal embriaguez com o mundo, que loucura deve ser trabalhar no elevador. Saio do Sesc, vou até a praça que tem sido meu ponto de encontro com Luara. Milhares de pedras no meio do caminho. Uma quadra de cimento. Futebol cru. Fisga meus olhos. Dois jogam descalços. Outro, magro, cai feio. Seus ossos de encontro ao chão fazem um barulho surdo e seco. Há como dançar isso? Devia ter trazido tabaco. Sigo para a praça da Maria Antônia onde jovens brancos e bem vestidos tomam Heineken. Desde o primeiro dia quero dançar para a câmera de vigilância. Branca, seu monolho caleidoscópico de cristaizinhos sobre fundo preto. Sempre me pergunto se há alguém a me ver do outro lado. Acho que só se eu cometer um crime. Aparece o segurança,

o que você está olhando aí. É lindo, uns olhos de bulita, a pele bem escura, não preta, marrom, da cor do vô. Converso com ele. De Itaquaquecetuba. Há um ano e meio, das dezenove até de manhã, ele mantém filhinhos de papai fora da praça. Me pergunta o que estou fazendo. Tento explicar minha tentativa de trocar informações ainda não codificadas com estas câmeras de vigilância. Não, não pode dançar na praça da Maria Antônia. Então filo o anel de um mauricinho e ao atravessar a rua, vejo Renato. Paro para fotografar um cone. Atenção! Escuto Gal a cantar na memória. Procuro um livro, não encontro. Encontro um barbeiro sério a cortar o cabelo de um cliente sério. Ser feliz não é hype. Volto ao Sesc. Subindo as escadas me vem o braço do garoto machucado, a dor de alguém ossudo que cai de maduro numa quadra de cimento. Eu o vi cair, ouvi o barulho, ele deixou o jogo segurando o braço. Será essa minha dança da coisa quando eu voltar à sala. Quero dar o

exemplo, seguir pelo caminho mais escuro. Subo o mais que posso, até não poder mais e sem ter por onde seguir escrevo. Encontro uma coisa que não sei o que é, acho que fui eu o encontrado. Desaparece quando paro e reaparece quando me movo. Está à altura dos meus olhos e é maior que minha cabeça. Parece ter duas orelhas. Chego bem perto, vejo a textura do seu corpo, a massa cinzenta da sua carne descoberta por tecido cor de pérola. Pergunto-lhe o que fazes aqui neste espaço e não responde. Me inquieta, mas não me mete medo. Nem a posso descrever melhor do que faço. Talvez esteja tão surpresa quanto eu e seja ela a me perguntar o que fazes aqui onde não há muita coisa. Se me perguntar, dir-lhe-ei que segui o caminho mais escuro. *Noite é a que é escura*. Mas ficamos em silêncio. Duvido da sua sinceridade, esconde algo. Tem ar de animal, não sei qual. Fico na dúvida se é a coisa em si ou sua impressão. Que é parte de coisa maior. Se olho com atenção reparo que revela algo além. Uma máscara?

Não parece incomodada com a minha presença e decido sentar. Está só. Haverá outras? O segurança vem me dizer que o espaço onde me encontro é proibido. Pergunto por que ela pode e eu não. Não responde. Será que corro perigo? Esconderá algo? Pergunto ao segurança se me deixa passar e ver o que há além destas coisas e ele responde que não, que é outro setor. Não entendo. Será que corre perigo? Então peço a ele que me indique outra coisa e ele sugere o vaso com quatro folhas decepadas e um copo de plástico despercebido. Acho que é uma palmeira. Mantida aqui contra a sua vontade. Desço até o salão térreo. Um sarau de refugiados. Uma mulher emocionada ao microfone, Jessica, de Uganda, legging florida, turbante cor de cobre, ela lê um poema de saudade, sozinha há sete anos, dói muito, um choro sem fim. E então uma menina venezuelana, linda, Miranda, respira fundo e vai, *La mariposa* me invade, me lembra a voz de Keren Ann, fico paralisada, nem consigo escrever enquanto

ela canta. Maravilhosas mulheres do Congo, como Prudence que, apesar da guerra, apesar dos estupros ainda cometidos contra as mulheres, faz uma declaração de amor, em francês. Gosto tanto de gente preta. Fisga meu olhar. Um bebê colorido. Ana, refugiada, azul escura, sua cabeleira escorre como um rio, seu passado ecoa, seu coração se expressa pelos lábios de outras pessoas. É fácil privar alguém de sua identidade: é só roubá-la. Florence, enfermeira, refugiada de Nigéria, bebe todo o sangue que não seca no concreto do piso térreo, o sangue que nutre todas as vidas sem sapatos. Mas sob a luz branca, sem festa, a coisa é rapidamente comida pelo homem que institucionaliza aquilo que fazemos tão naturalmente em volta da fogueira. Por que nos destituíram desse poder? Me afasto e já longe da coisa ouço barulhos, parecem feitos por um bicho com várias pernas e cascos. Perto da escura passagem que me levou à coisa ouço algo rastejar. Então fujo da atenção programada. Quero os espaços vazios, inabitados,

caminhos pouco percorridos. Subo para um andar não autorizado. Um funcionário pergunta se faço algum tipo levantamento. Explico. Não há muita graça aqui. A placa indica saída e vou. Fujo do espaço onde estava, desço as escadas diante do sono que me controlava e reacendo a escrita escada a baixo. O caminho é a coisa. Acho. Mas parece difícil dançar com fome, então danço a fome e tão dentro a coisa brota, ferve insaciável. Vou comer a coisa. Bebo a coisa, encho a boca com ela, as bochechas se dilatam. Mudo de posição. Vaza. Esgueira. Quero fluir como flui esse corpo mole. Tanta palavra, tanto pensamento. Escadas, vozes. A coisa me fita, me pede calma. Engulo a coisa e lá dentro ela percorre vãos, desvãos. Em casa. Mi casa, su. Casa. Fôlego. Paro, já sou a coisa, sempre fui, sigo sendo, seguimos. De onde vem a calma? Entre eu e ela agora uma barreira. Ela aqui dentro e ela aqui fora, em frente, repousa, represa. Tanto dela em mim, jorra do alto, por baixo, sempre pulsando, firme e delicada.

Gélida, alma. Eu e ela. Haverá coragem?
Haverá tempo para nosso baile? Sem hora
sempre há tempo! Paradas aguardamos.
Que a porta se abra. Volto à parede e sua
rachadura agora em memória. Seis andares
abaixo e torno a subir gradualmente.
Vejo-me fragmentada na parede branca.
Como unir os cacos pontiagudos? É preciso
uni-los? Torná-los homogêneos não seria
encobri-los? E como ser dançada por essas
imagens? Do encontro com a parede e a
caneta surge um eco. Vibrações. A gente
acha que sabe algo, mas não sabe. A gente
não sabe o que a gente não sabe. Meu
desejo: palavras que não entendo, materiais
que não conheço, vozes desconhecidas,
superfícies não pisadas, porém marcadas por
todo o mundo ao seu redor. Quanto tempo
é necessário para esta parede rachar inteira
e mostrar as facetas desconhecidas dela
mesma? Como rachar esta tinta branca?

28.06.18. Se eu fosse fazer uma sopa jamais colocaria esses ingredientes. Sou louco por sopa. E quase nunca faço sopa. Quem falou da sopa de pedra? Você? Foi. Aquela sopa que leva tudo, inclusive uma pedra. Inclusive o quê? Uma pedra. Não conhece essa história? Conheço. Essa lenda é de lá de... Estou a tentar lembrar o nome da cidade de onde é, perto de Lisboa. Tem bem cara de história portuguesa. É a história desse mendigo que toca em casa de alguém e se oferece para fazer uma sopa, ele tem uma pedra e só precisa de água e uma panela. A primeira vez que fui ao teatro era sobre essa história, a sopa da pedra. Sabe que os monges japoneses colocavam uma pedra quente dentro da roupa. Meditar dava muita fome, fazia muito frio, então eles colocavam uma pedra quente dentro da roupa. E aí tem uma refeição que é super bonita, que tem uma coisa de cada alimento, um legume, uma carne, um alimento de cada jeito, um cozido, um assado. E é servida lindamente e acho que tem esse nome. Almeirim.

Lembrei daquela história de cozinhar sopa com um prego enferrujado. É! Tem ferro. Não sabia disso, é literal? E funciona. Nossa. Já tomou? Não. Não que eu me lembre. Não que eu saiba. É! Calor da porra. Faltou a pimentinha. Eu ia trazer e esqueci. Será que propomos o exercício que fizemos entre nós? Será que a maneira como cada legume está na sopa representa quem o trouxe? Eu trouxe a batata baroa. Será que ela sou eu? Como você seria a batata? Por exemplo, ó como eu fiquei. Ficas assim desfeito por qualquer um. Gostaria de ter me derretido mais. Acho que a batata está no ponto. A batata doce? É das que mais se derreteu aqui. A baroa é a mandioquinha? Isso. Deixa eu ver, não peguei. É que ela estava menor que a batata doce. Para fazer caldo de mandioquinha é só mandioquinha e manteiga. Ela derrete. Deu calor, né? É engraçado, tem uma amiga minha daqui de São Paulo, foi morar no Maranhão, e aí ela fala muito disso, de ter que aprender a comer na casa de maranhense, porque

lá é assim, tu come, aí depois que termina de comer tem que comer de novo, se não a pessoa fica chateada porque tu não repetiu. Nossa, eu ia estar ferrada. Mas você ia sugerir de fazermos a rodada? Quem trouxe a beringela? Eu. Você ficou cuidando? Cuidei do preparo dela, foi meio uma questão de duplo mesmo. E a ervilha quem é que trouxe? Eu trouxe a ervilha. E eu comecei pela batata doce. A vagem eu deixei nas mãos dos outros. E o nhamo entrou? Entrou. Quando eu vi ele já estava. Mas do que querias falar? Do que falámos no início, dos desejos. Cada um dizer o que deseja. A sensação que eu tenho é que nos três primeiros encontros foi como se a gente tivesse trazido para cá o que a gente entende como as potencialidades do Grupo de Estudos. A gente levou bem ao limite coisas que até nem tínhamos experimentado. E a partir dessa primeira entrega ficamos curiosos de saber não só o que vocês acharam, como se sentiram nesses encontros, mas também para onde eles

projetam, isso que a gente viveu até aqui, em que é que toca e para onde. E se até aqui foram os nossos desejos que pautaram os encontros, talvez nos próximos possam ser os vossos, e vamos ampliando esse corpo desejante. O que vocês acham de irmos para o linóleo? Acho ótimo. Mas você estava falando do quê? Estava completando o que o Renato estava a dizer sobre como fizemos, entre nós, um exercício semelhante ao que estamos propondo agora, de uma rodada em que cada um diz o que deseja para este espaço, para os próximos encontros, a partir do que foram os primeiros três. Para que não sejam só os nossos desejos na mesa. Acho que esses desejos já estão aí. É isso que sentimos. Que os desejos já estão sendo colocados de alguma forma. E o último encontro talvez tenha colocado isso um pouco mais, até por ter estimulado um pouco mais de autonomia para cada um. Do que eu guardo de memória dos encontros e tentando esquematizar um pouco essa coisa de desejo, de pôr isso em

palavras, acho que do primeiro encontro o que eu guardei foi o momento de condução que você fez, do pulso, de escutar um pulso do corpo, eu nunca tinha sido sugerido a esse caminho, sabe? Então foi bem gostoso essa coisa do mistério, no último encontro também, de apostar em não falar nada, sabe? Em ter algumas descrições no papel, mas ver o que acontece depois quando surge aquilo, o que cada pessoa tinha coletado, ver que tinham vários pontos em comum, que a escuta do grupo estava acontecendo. Acho que essas duas coisas me chamam mais a pensar uma expansão do corpo no espaço, o que a gente equaliza, a nossa área de afetos e efeitos, estou aqui no meu corpo, mas se conseguir me conectar com o espaço que está distante eu consigo chegar até lá. E acho que é isso que chamo de mistério, o pulso de um corpo que, não sei se reconstrói ou constrói ou desconstrói isso, outras formas desse corpo estar presente no mundo que não são formas ocidentais. Acho que isso me atrai

na vida enquanto pesquisa, mas é todo um exercício de conseguir dar nome a algumas coisas para ver para onde eu vou me direcionar para coletar essas informações, essas experiências. Então eu gosto do risco de deixar aberto à escuta coletiva, mesmo que ela falhe, que ela crie outras coisas, e também um tensionamento da escrita que é uma coisa que é bem difícil porque eu não escrevo muito, às vezes eu me distancio das palavras por achar que elas são muito concretas, o que me surpreendeu e interessou na dança foi uma coisa mais abstrata e acho esse jogo de transpor uma linguagem para a outra bem interessante. É engraçado, eu não estive nos encontros anteriores, mas eu também tenho essa questão com a escrita, como é que o que eu faço, essa linguagem que surge no meu corpo, que não é escrita, se traduz em uma escrita e como é que isso pode ser um registro e também como isso pode fazer parte dessa dança. Disso que nem precisa ser dança, sabe? Isso me atraiu também,

de alguma maneira. O registro, a escrita. Esse caminho de ir e vir da ação, da palavra, da palavra que vira ação, da palavra que vira algo no papel. Eu queria fazer algumas considerações um pouco dispersas. Coisas que estão na minha cabeça mas que não necessariamente eu advogo cem por cento. Para mim foi muito marcante o primeiro encontro, porque eu senti que teve uma pureza muito grande, que quando eu vi o título da oficina achei meio absurdo: moldagem, dança e escrita. O primeiro encontro foi muito puro, foi dança, escrita e moldagem, e é isso aí, e eu achei muito bom, gostei dessa pureza, tanto que para mim aquele primeiro encontro é algo que não vai se repetir e que foi incrível e tudo bem e agora a coisa já está noutro caminho, mas em termos da continuação, eu gostaria de trabalhar mais com a moldagem porque acho que é uma coisa inédita e me chamou a atenção. O que gostei desses encontros foi de estar ali e ver o que vai acontecer. Isso é uma coisa.

Outra coisa é em relação à escrita, não sei se a publicação se mantém ou não. Sim. Qual o caráter disso? Principalmente quando se tem o desejo de não fazer uma coisa com funções determinadas, mais horizontal, isso pode trazer algumas complicações que não sei como vocês pensaram. Mas de todo modo, isso é uma dúvida. E vieram aqueles textos que misturam várias coisas que têm sido escritas nos primeiros encontros e eu li só o primeiro, na verdade, mas de cara já fiquei com um incômodo, talvez pautado por um desejo meu de me comunicar para fora do meio, para fora de quem já partilha de uma linguagem comigo, e eu li aquele texto e falei: tá, legal, eu estava lá, eu me identifico, mas se eu não estivesse lá e não me identificasse isso aqui seria uma massa densa que não me interessaria, eu ia ler e de cara, putz, sabe? Pessoalmente não ia ter curiosidade e também pela forma mesmo da coisa, de ser uma massa densa, um bloco de texto, a gente sabe que a gente

não sabe nada, mas pelo menos eu acho que não é uma coisa muito convidativa à leitura, porque uma coisa é escrever, outra coisa é a leitura, não são coisas que estão conectadas por uma linha tão reta quanto a gente imagina, eu posso ter um prazer muito grande de escrever e produzir uma coisa que é horrível de ler e eu posso ter uma leitura muito prazerosa de algo que foi muito penado de escrever, sabe? Então em termos de escrita fico pensando nisso. De tudo o que aconteceu, de todas as experiências, esse foi o meu incômodo maior, esse texto todo. E fiquei na dúvida, a gente quer tensionar esse campo estético? A gente quer que alguém entre em contato com isso e se inspire a fazer algo? E aí quando vem essa questão de quais são os desejos, acho que para mim eu teria de entender o que é o meu desejo pessoal e o que é o meu desejo de atuação no mundo, porque no meu desejo pessoal, os encontros, para mim, já estão ótimos, ter espaço, deixar as coisas se darem do jeito que elas

se derem, sem prerrogativas que enquadrem a coisa, deixar acontecer, não sei se cabe a palavra espontaneidade ou algo do gênero, no nível pessoal isso me satisfaz, esse é um espaço que sinto que é importante na minha vida e que está se dando nestes encontros, então é isso aí, não precisa de mais nada, mas se eu for querer pensar no aparato de como é que eu estou colocada no mundo, como é que isso se implica no mundo, por um lado, beleza, estou tendo essa experiência e isso vai me nutrir e isso informa quem eu vou ser e quais vão ser as minhas ações e como eu vou me relacionar com outras experiências no futuro. Minha pergunta seria, isso é suficiente? Se eu estou me entendendo como uma pessoa atuando no mundo e usando recursos de uma instituição pública ou privada, como grupo, enfim, pelo menos no que seria a minha referência mais próxima, se entendendo como artista, isto aqui é uma experiência que a gente quer que contamine outros espaços ou ela se contém em si mesma?

E se for para contaminar outros espaços, o caminho dessa contaminação tem que ser esboçado aqui ou tem que ser só na espontaneidade, cada um indo para o seu contexto e multiplicando isso, à sua maneira, muitas vezes não mediada? É uma última questão, que eu tenho uma conexão com a palavra e isso está sempre na minha cabeça, esse lance do verbal, como é que o verbal é necessário ou não para fazer essas mediações? Por um lado, eu quero muito valorizar as comunicações não verbais e explorar maneiras de as fazer, por outro lado, eu tive uma experiência que me faz suspeitar muito de uma comunicação não verbal. Eu estava uma vez dançando contato-improvisação com um moço, era um exercício dentro de uma aula, um exercício bem leve, sentir os líquidos do corpo e deixar eles se moverem com a gente, e aí era um dia em que eu estava mal, tendo problemas, ficava pensando, nossa, que saco estar aqui e esta pessoa em cima de mim, sabe, eu estava pensando em

lavar roupa ou qualquer outra coisa, e a gente saiu do exercício e a pessoa veio me procurar e agradecer pela dança incrível, e eu fiquei, uau. Então, beleza, existe uma comunicação ali, mas obviamente aquela comunicação estava com ruído ou a pessoa estava encontrando o que queria encontrar ou uma informação assimétrica talvez resulte, não sei, mas eu diria que isso é uma espécie de falta de comunicação. Então por isso me faz duvidar, por isso acho que a palavra também é importante para verificar, é isso mesmo ou não é? E por bem ou por mal, talvez seja a ferramenta mais lapidada, não necessariamente a melhor, mas a mais refinada que a gente tem até ao momento. Então pensei nesse lance da palavra como instrução, e a coisa de comando, que foi mencionada. Eu fico me perguntando, às vezes a gente quer diluir isso, criar um lugar sem estrutura de hierarquia, mas o que acontece é que a hierarquia vai aparecer naturalmente pela pré-disposição das pessoas, hoje eu

senti isso, não tenho muita iniciativa de cozinhar, e aí quando vou ver já tem muitas mãos ali cortando, e não tem por que adicionar mais duas mãos. Isso faz com que eu me sinta marginalizada, vou fazer outra coisa e quebra a conexão com aquela atividade específica, mas não entendam isso negativamente, isso tem a ver com uma pré-disposição anterior, não tem a ver com o desejo do grupo de diluir as coisas, tem a ver com uma hierarquia e uma estrutura que vão surgindo independentemente dessas vontades declaradas ou não.

Talvez uma ferramenta, não para diluir as coisas, mas para democratizar mesmo, seja distribuir esse comando, numa estrutura até mesmo obrigatória, então hoje é você quem comanda, amanhã vai ser você, depois você, e vamos ter que lidar com isso.

05.07.18.

boa noite. oi, mari. oi, eli. oi
quem pergunta? quem pergunta é denise

o que está acontecendo?

/ alguém olha

eu olho a tela com as mãos no queixo+
o acúmulo me sufoca
este é o lugar da palavra

tudo mudou de ontem para hoje
e de ainda pouco para agora
eu vejo a cadeira cair e só isso
eu tenho uma pergunta:
quem quer ser moldado?
virar duplo de si agora?
nem demorou muito
o joão já disse que quer ir
e agora está prestes a ser moldado

alguém sopra minhas costas

o que está acontecendo?
esta sala tem salvação?
escrevo alguma coisa com o giz no chão,
de frente para uma cadeira preta
eu começo a falar sobre algum estrago
eu giro no palco que preparei
uma pessoa vem dançar comigo

estou obcecada em fazer desaparecer
coisas órgãos dedos do corpo cadeira
perdi meu sapato, o outro
ficam as meias

música?

joão moldado fuma um cigarro
nem percebe que duas pessoas
estão nascendo no chão
ele ri
às vezes é preciso silenciar

os bárbaros não são mais os outros
você tem quantos peitos?

,

ela se move e cria um som que se move junto
pode ser que seja um som que vem de fora
e se mistura a esses outros sons de quadra
de esportes, me esforço para distinguir quais
sons entram pelo ouvido esquerdo e pelo
direito
vertigem
agora ouço os sons da escada
um grito atravessa, vem do outro lado
ela avança para a outra parte da sala,
pelo chão
um pedaço de corpo cai
ele continua a falar

um filme de ação, parece
mentira
olho ao redor

mentira

olho só para o lado esquerdo,

não olho para trás

olho para ele, que olha a tela

fecha os olhos, balança para frente e para

trás, sutilmente

de quatro

tigre

gato

eles sorriem

claro, escuro

desvio, timidez

rearranjo

escrevo que não era nada daquilo

tiro o casaco enquanto danço

faço das cadeiras travesseiro

estou sonhando com a última vez que

fui à praia. sinto o cheiro de maresia

e o gosto salobra inunda minha boca

preciso de um escudo para me defender

de mim mesmo

ele continua a falar

ele continua a tentar entrar em moldes de
gesso já duros

ela tira linhas de dentro do peito

ela caminha para trás em círculos

a porta está aberta

me implico em organizar a sala, e só

há uma floresta de cadeiras e eu me

pergunto como é que elas se comunicam

o que está acontecendo?

quem está tecendo o tempo?

quantas camadas ? seria possível medir?

joão está cheio de camadas de gesso e
está quente

pensa sobre o desejo de durar nesse gesto

filipe ajusta o molde

eu posso escrever na tela

sentir certa fragmentação
pode ser algum tipo de paranoia?
talvez não. mas tento ser firme
é difícil. se concentrar. deixar vir sentido
e segui-lo. mas aconteceu agora, comigo
me concentrei, deixei vir sentido e
segui. sentido de espaço. a fragmentação
tem a ver com a porta aberta?
a fragmentação tem a ver com a fala
que vem da moldagem?

não sei quantos seios
eu ganhei e perdi hoje
apenas nesta noite

o João saiu, eu vi
tu não?

eu não sei o que significa sair
agora são dois
significa isso
dois do mesmo
João, queres dizer-me o que sentes?

agHORtA

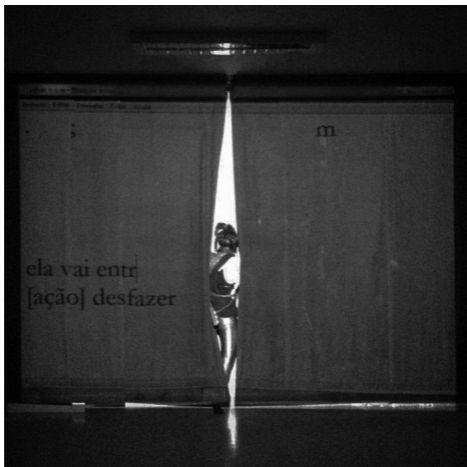
joão conserta seu nariz
sem ponto no final
renato, que cara é essa?
joão de três pernas
a moça de sutiã tenta se livrar do
que a esmaga
outros também são contaminados
joão tem três tornozelos, mas só uma
perna
erika na caixa. erika dentro da caixa
erika saindo da caixa
joão saindo do gesso. gérmen de gesso
não, esta sala não tem salvação
o que está acontecendo?
o que houve com a linguagem ?
fracassou?
pq a tela hipnotiza?
>.<
bvóp

· ;

m

j

ela vai entrar no texto
[ação] desfazer



uma pessoa invade a página, uma hacker
existencial. vê uma brecha, não pensa
duas vezes, se mete nela
ela recolhe a bolsa. as pessoas se agitam
o ar se movimentava. filipe a recolher os
tecidos pretos
eli se aproxima também
mari também, vai para o chão
filipe tenta limpar as palavras, mas
as palavras são sujas, sujas
mais sujas que o chão onde dança mari
o chão onde estou. o chão onde rastejam
nossos corpos. erika a fotografar do alto
da torre de cadeiras

hoje é um dia estranho, acordei estranho
alguém? você também, mari?

filipe coloca um fado para tocar.
parece brincadeira, mas não é. é fado

o que está?
é o óbvio

não é

	b
	r
	e
b	c
r	h
e	a
c	
h	
a	

vontade de o corpo dançar
dance dance dance

12.07.18.

se lembram dos bichos que esquecemos?
siM, aqueles que andam no escuro ahhh!
boo! não, não. não esse tipo de bicho

vem, vem aqui que eu te mostro eles
tão todos ali
um ibossot é m~uaioto iqmuporet ante,
olpahessm esia 'poe loo q eu acontee quando
juntos pelos onmb'roos sescrevemos um
texto q.ue
é muuintaos imaquagntiansár
uio espteroud muiutrao ndoe
wperando anmsiossamenote rganizoa que
acontec
ederá sespeream dsaemgueintdea
adedoro sae speraidmaamgeemn tede
ddeuas eescrit
asd esestperraduamecnt
[ncadlaads hgdruessmaa msan
edierak sjdeesakjvitia.rhtgjrkt ___j
gos de desiTSÊANCIBA>e meu sonh
o
SERAA ter c

on
stnruncuaído os estad
os unciudos curudcao amé
ria (não os da ásia)

um sonho

arrancaram algo que parecia ser
uma cabeça

manipulo coisas: gesso, jornal, parede, tinta,
tempo, espaço, sua mente
qual a paisagem sonora disto?
basta um estímulo
uma fagulha
desentope essa dança,
eli rasga o espaço
...adoro morrer de vez enquanto posso

cena final

:

ela gosta de comer, ele sente muita fome
o quê que tem para comer?

como _____

terá a ambição sido expurgada em definitivo
de nossas práticas?

vai nutrir?

vai aquecer no frio?

chama o rodrigo! cadê o rodrigo?

eu te vi

agora acabou

como acabar?

Sopa de Pedra foi escrito entre os dias 7 de junho e 26 de julho de 2018, por Camila Carreira, Denise Melo, Eliezer Queiroz, Erika Kobayashi, Filipe dos Santos Barrocas, Flor Carrizo, Gabriela Macetti, Gewiller Francine, Isabela Carletti, Jackeline Stefanski Bernardes, João GQ, Ierê Papá, Lyvia Gamerco, Luara Erremays, Lucas Caballero, Marina Dubia, Mariana Viana, Raquel Santos e Renato Jacques em fonte Baskerville, sobre papel Alta Alvura 75gr., com desenho de Luara Erremays, fotografia de Denise Melo, no contexto do “Grupo de Estudos: laboratório de dança, escrita e moldagem”, Sesc Consolação, São Paulo.

